

O Ensino de Literatura e os desafios da atualidade

The Teaching of Literature and the challenges of the present time

Conceição Aparecida Pereira Debarba¹

Resumo: Este artigo ressalta a importância da reciclagem e do aperfeiçoamento constante dos profissionais em educação, especialmente os professores ligados à área da Literatura. As mudanças econômicas, sociais e políticas apontam uma nova forma de relação entre as pessoas e isto acaba sendo refletido e sentido dentro das salas de aula, na relação que os professores estabelecem com seus educandos. Espera-se que este artigo venha ao encontro de seus objetivos, qual seja, melhorar sempre e cada vez mais o ensino de Literatura e suas relações com os alunos.

Palavras-chave: aperfeiçoamento, educação, literatura, atualidade.

Abstract: This article stands out the importance of the to recycle and of the professionals' constant improvement in education, especially the teachers linked to the area of the Literature. The economic, social changes and politics aim a new relationship form between the people and this it ends being contemplated and felt inside of the classrooms, in relationship that the teachers establish with its students. It is waited that this article comes to the encounter of its objectives, which is, to improve always and more and more the teaching of Literature and its relationships with the students.

Key-Words: improvement, education, literature, present time.

¹ Professora titular de Língua Portuguesa na Escola Básica Municipal Santa Maria e professora titular de Língua Portuguesa e Literatura na Escola de Educação Básica Dr. Fernando Ferreira de Mello, no município de Rio do Campo - SC. Autora do livro de poesias intitulado *Depois Daquela Noite...*, publicado em Novembro de 2000. Mestranda do Curso interdisciplinar em Educação e Cultura pela UDESC/UNIDAVI. em Rio do Sul - SC.

A atual situação Educacional brasileira aponta para novas e radicais mudanças tanto no relacionamento educador-aluno, quanto na forma de conduzir o processo ensino-aprendizagem. Não é mais possível educar crianças e jovens como nossos pais foram educados pela escola, já que as relações mudaram consideravelmente com o passar dos anos. O escritor João Amós Comênio em 1625, aproximadamente, já falava que a instituição escolar precisava de radicais mudanças na forma de conduzir a aprendizagem e na maneira de compreender e trabalhar a questão do conhecimento. Na obra Didáctica Magna o referido autor escreve:

“Também no estudo das línguas se procede erradamente, porque não se principia por qualquer autor ou por qualquer dicionário convenientemente ilustrado, mas pela gramática, embora os autores e os dicionários também, a seu modo, forneçam a matéria do discurso, isto é, os vocábulos, e a gramática apenas acrescente a forma, ou seja, as, leis para formar ordenar e associar os vocábulos. (...) Enfim, ensinam-se primeiro regras em abstracto, e só depois se ilustram com exemplos, enquanto que a luz deve preceder a pessoa a quem se quer iluminar o caminho”².

É possível verificar assim, que a escola tem sido uma das instituições mais difíceis de se produzir mudanças. Há anos, a escola tem feito o mesmo papel, com algumas adaptações, mas muito pouco tem transformado seu modo de conceber o mundo e produzir conhecimento. A grande defesa para essa não transformação são dizeres do tipo: “sempre deu certo assim, por que mudar?”, ou então “fui alfabetizado desse jeito (uma referência ao método silábico, por exemplo) e aprendi, por que mudar agora?”. Essas e outras muitas frases ilustram bem o tradicionalismo da escola e a dificuldade de modernização que esta mesma encontra no decorrer dos anos. De forma alguma queremos aqui descartar antigos métodos e velhas formas de ensinar, apenas nos propomos a discutir as dificuldades que encontra para se transformar uma instituição que tem como dever a construção e a produção do conhecimento. Ora, se é esse o objetivo maior da escola, os membros que a formam deveriam ser os primeiros a perceber que a sociedade muda constantemente, que os padrões transformam-se, que o que era interessante para uma criança em 1950, deixou de o ser para uma que vive às portas do século XXI, na era da informática, da ciência tecnológica, da Internet e de tantos avanços importantes. Isso, de forma, alguma impede-nos de mostrarmos os heróis do passado e o que foi moda, beleza em outros tempos, que conhecimentos aquelas pessoas tinham acerca e como utilizavam aqueles conhecimentos no seu dia a dia.

Essas questões são relevantes em todos os campos de conhecimento da escola, no entanto, queremos aqui discutir mais especificamente o ensino de literatura no ensino médio, pois vimos que a partir de um estudo profundo sobre esse assunto, os educandos podem não só melhorar, seu modo de se expressar, como também aprimorar o aprendizado em outras áreas. Como é praticamente impossível dissociar literatura de história, já que a produção literária sempre acontece contextualizada em um determinado momento histórico, o profissional do ensino de literatura precisa obrigatoriamente ultrapassar a barreira inicial que encontrará, que é o fato dos educandos, em muitos casos, não gostarem de história,

² COMÊNIO, João Amós. Didáctica Magna. 4ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian. P. 211-212

justamente por tratar-se de acontecimentos que eles não vêem mais significado para suas vidas. Passado esse momento, o profissional pode debater-se com educandos que não gostem de ler ou mesmo não têm acesso a bons livros. Em princípio, parecem fatos isolados, mas a convivência com alunos vai mostrando que questões deste tipo são comuns nas salas de aula e precisam ser resolvidas.

Os vestibulares estão repletos de jovens que não sabem se expressar, que têm muitas dificuldades em produzir textos, muitos até nem conseguem escrever, colocar as suas idéias de forma clara e acabam produzindo textos que juraríamos ser de alunos da quinta série do Ensino Fundamental, como já aconteceu. Agora, o vestibular é apenas um exemplo em que o ensino ruim acaba por ser notado mais de perto; em outros momentos, como provas de concursos ou mesmo em situações bastantes práticas, como fazer uma ata ou produzir um pequeno convite, essas características de um ensino fragilizado acabam sendo facilmente notadas. Isso não significa que tenhamos de trabalhar na escola pensando única e exclusivamente no vestibular, muito ao contrário, a escola deveria estar voltada para a vida, aos afazeres práticos, vinculando conteúdos com a vida. Parecendo discurso batido ou não, na verdade, é disso que os educandos precisam, saber colocar em prática aquilo que “aprendem” na escola, se não for assim, para quê estamos ensinando? Para quê fazer provas? Diria que nem para isso, já que as provas têm mostrado que muitos alunos deixam a desejar nisso também.

Trabalhar de forma vinculada á realidade implica material necessário para isso. Infelizmente, muitos livros didáticos ainda trazem conteúdos desvinculados da realidade dos educandos, isso é verdade. Porém, esse material deve ser visto como um meio para se conseguir outras coisas, que seria o ensino mais contextualizado. Colocar a culpa no livro didático seria uma atitude muito simplista e sem reflexão maior. Precisamos, obviamente, melhorar todo tipo de material didático para que chegue o melhor nas mos de nossos alunos, mas é necessário antes de todo que se invista no profissional da educação. As escolas estão repletas de professores despreparados, pessoas que são “pegas quase a laço”, com o perdão da expressão, e colocadas em sala de aula para ensinar. Isso é muito grave e exige uma tomada de consciência profunda por parte das pessoas que compõem a instituição escolar. O material didático, nesse caso, pode ser de primeiro mundo, se a pessoa for despreparada, pouco vai auxiliar os educandos. Acreditamos que se o profissional tiver conteúdo, método ele faz, ou seja, se ele souber aquilo que vai fazer, ele arrumará uma forma de fazê-lo da melhor maneira possível. Parafraseando Paulo Freire, é preciso que se invista com urgência no profissional da educação, mas não em forma de cursos, em que se vai uma semana ouvir uma pessoa que alguém disse ser uma autoridade no determinado assunto; é necessário que essa formação do profissional de educação aconteça de forma continuada, que se dê condições dentro das instituições para que ele possa estudar, ler, informar-se, discutir com seus colegas, tirar conclusões, levantar questionamentos, avaliar e reavaliar sua forma de conduzir o trabalho em sala de aula, trocar experiências e, assim, possibilitar um ensino de qualidade, efetivamente. E os profissionais em educação precisam aprender a lutar por esses direitos, buscando junto aos seus governantes, formas de melhorar sempre a qualidade de ensino que se dá ás crianças e jovens que estão diariamente buscando uma escola que realmente vá ao encontro de suas expectativas.

Segundo Paulo Freire:

“Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade

que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar nos sentido de ela seja realmente respeitada. O respeito que devemos como professores aos educandos dificilmente se cumpre, se não somos tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública da educação”.³

Os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem importantes contribuições com relação a estas questões. São imprescindíveis na medida em que esclarecem o profissional da educação quanto ao seu verdadeiro papel e norteiam, de certa forma seu trabalho em sala de aula, na realidade escolar, lugar em que a educação efetiva e concretamente se realiza. Com relação ao ensino de língua portuguesa no Ensino Médio, os Parâmetros Curriculares Nacionais discutem muitas questões significativas, como é o caso das competências e habilidades que a escola precisa desenvolver em língua portuguesa.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

“Na escola, a exigência de se dar espaço para a verbalização do não-dito será uma possibilidade para a construção de múltiplas identidades.

Dar espaço para a verbalização da representação social e cultural é um grande passo para a sistematização da identidade de grupos que sofrem processos de deslegitimação social. Aprender a conviver com as diferenças, reconhecê-las como legítimas e saber defendê-las em espaço público fará com que o aluno reconstrua a auto-estima. (...)

Compreender as diferenças não pelo seu “caráter folclórico”, mas como algo com o qual nos identificamos e que faz parte de nós como seres humanos, é o princípio para aceitar aquilo que não sabemos. Todas as área partilham dessa necessidade de conhecimento.”⁴

Levando em consideração os aspectos acima citados, necessário se faz uma urgente reflexão nas instituições de ensino, seja público ou particular, acerca de todas essas questões aqui levantadas e outras pertinentes e perfeitamente cabíveis no ambiente escolar. Fica o desafio: trabalhar com o conhecimento requer atualização diária e constante. Não é mais possível aceitar profissionais que se neguem a estudar e a refazer sua prática.

³ FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa. (Coleção Leitura). São Paulo: Paz e Terra, 1996. P. 107.

⁴ BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação. 1999. P. 142.

Referências Bibliográficas:

COMÊNIO, João Amós. Didáctica Magna. 4ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian. P. 211-212.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação. 1999. P. 142.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa. (Coleção Leitura). São Paulo: Paz e Terra, 1996. P. 107.